

5

A pesquisa de campo

Com objetivo de conhecer as atitudes e expectativas de mulheres que romperam casamentos de muitos anos de união, utilizamos uma metodologia qualitativa, mais especificamente, a técnica denominada Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2009). Trata-se de uma pesquisa exploratória, bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulações mais precisas dos conceitos relacionados e, como tal, não se baseia em hipóteses previamente estabelecidas.

Optamos pela metodologia qualitativa, pois não há interesse em demonstrar como um fenômeno se comporta numericamente, mas sim em priorizar os aspectos subjetivos do comportamento humano, permitindo deste modo uma exploração das suas motivações, valores e crenças. Assim, não somente enfatizamos as experiências relatadas, mas principalmente os significados atribuídos pelas entrevistadas. Em suma, a metodologia qualitativa colabora muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos das participantes, que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. Cabe também mencionar, que a pesquisa qualitativa não tem como objetivo a generalização, a criação ou descoberta de leis e princípios, o foco de atenção aqui é o específico, o particular e o individual.

Para a realização da pesquisa de campo, fez-se necessária a delimitação do grupo de sujeitos para a realização das entrevistas de coleta de dados. É importante assinalar que a escolha pelo método qualitativo envolve uma renúncia a um número elevado de participantes, à medida que o processo requer profundidade e, com isso, exige mais tempo despendido em cada entrevista.

5.1

Sujeitos

Este estudo contou com a participação de dez mulheres, que foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: (1) mulheres pertencentes ao estrato

econômico médio e alto da população, residentes da cidade do Rio de Janeiro; (2) que foram responsáveis pelo rompimento, legal ou não, de uma união conjugal heterossexual após vinte anos ou mais de convívio; (3) não recasadas; (4) e que estejam separadas, há pelo menos um ano.

Optamos por casamentos com duração de vinte anos ou mais, porque acreditamos que, quanto mais tempo de convívio, maiores são os desafios para se desfazer de uma identidade conjugal, de uma rotina já estabelecida, de hábitos cristalizados, de um padrão sócio-econômico, entre outros (WU e SCHIMMELE, 2007). É relevante lembrar que essas mulheres percorreram, após a dissolução conjugal, uma trajetória entre o familiar e o desconhecido, geralmente, repleta de surpresas, percalços e desafios. Exigimos então, o mínimo de um ano desde a separação, pois consideramos importante um período para a adaptação, não desejando, assim, levantar temas ainda muito recentes e possivelmente um tanto difíceis de serem abordados por elas.

Selecionamos mulheres não recasadas, independentemente do tipo de vínculo conjugal, seja civil, religioso ou apenas coabitação, porque conforme vimos, a maioria delas na faixa etária em que pesquisamos não se casa novamente, como também não acreditamos ser pertinente indagar sobre um relacionamento passado quando as entrevistadas já estão inseridas em outro casamento.

As idades das entrevistadas variam de 50 a 65 anos, isso quer dizer que elas se dividem entre mulheres idosas e de meia-idade, conforme definido previamente, no entanto, todas vivenciaram a dissolução conjugal na meia-idade. Cinco possuem o curso superior completo e, dentre as cinco restantes, três chegaram a iniciar seus estudos na graduação, porém não concluíram, e duas pararam de estudar após o término do ensino médio. Apenas uma entrevistada não tem filhos, o que nos permitiu fazer uma modesta comparação em relação à presença deles ou não. A duração dos casamentos vai desde vinte anos de união até trinta e três anos (média de 24 anos), lembrando que todas as entrevistadas foram responsáveis pelo pedido de separação; fizemos tal escolha de acordo com o predomínio do desejo feminino pelo divórcio no Brasil (FÉRES-CARNEIRO, 2003; IBGE, 2007).

Nos critérios exigidos para selecionar as mulheres, focamos principalmente nos anos de união (vinte anos ou mais) e no tempo mínimo de separação (um ano), o que permitiu que nossas entrevistadas variassem entre um ano e meio e vinte um anos, contando do momento em que se divorciaram até a data da entrevista. Assim, conseguimos retratar um possível percurso que abrange do segundo ano até o vigésimo após o rompimento conjugal - embora não possamos omitir que estamos lidando com sujeitos com experiências diferentes.

Para melhor detalhamento e compreensão dos sujeitos, a seguir apresentaremos os dados relevantes para a realização deste estudo. Os nomes reais foram mantidos em sigilo, na garantia de manter o anonimato das entrevistadas; desta forma, escolhemos por utilizar a letra M (mulher) e, em seguida, o número de acordo com a ordem em que foram entrevistadas. Logo, a primeira entrevistada foi nomeada com a letra M e com o número 1, e assim por diante. Modificamos também detalhes que poderiam identificar as participantes, como nomes fictícios para os ex-maridos e filhos, quando as mulheres, em suas falas, citaram o nome deles, permanecendo porém a substância dos fatos relevantes.

M1

Idade: 56 anos

Escolaridade: Superior incompleto

Duração do casamento: 23 anos

Número de filhos: 1

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 22 anos

Tempo que está separada: 6 anos

Com quem mora: Sozinha

M2

Idade: 57 anos

Escolaridade: Superior Incompleto

Duração do casamento: 20 anos

Número de filhos: 1

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 18 anos

Tempo que está separada: 5 anos

Com quem mora: Mãe e filho

M3

Idade: 50 anos

Escolaridade: Superior Incompleto

Duração do casamento: 23 anos

Número de filhos: Não possui filhos

Idade do(s) filho(s) na época da separação: -

Tempo que está separada: Um ano e seis meses

Com quem mora: Sozinha

M4

Idade: 58 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 22 anos

Número de filhos: 2

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 12 e 9 anos

Tempo que está separada: 13 anos

Com quem mora: Dois filhos

M5

Idade: 58 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 22 anos

Número de filhos: 2

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 22 e 19 anos

Tempo que está separada: 15 anos

Com quem mora: Sozinha

M6

Idade: 57 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Duração do casamento: 27 anos

Número de filhos: 1

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 21 anos

Tempo que está separada: 8 anos

Com quem mora: Filho

M7

Idade: 57 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 25 anos

Número de filhos: 3

Idade do(s) filho(s) na época da separação: 23, 17 e 15 anos

Tempo que está separada: 5 anos

Com quem mora: Dois filhos

M8

Idade: 64 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 22 anos

Número de filhos: 3

Idade dos filhos na época da separação: 19, 17 e 14 anos

Tempo que está separada: 21 anos

Com quem mora: Sozinha

M9

Idade: 60 anos

Escolaridade: Superior completo

Duração do casamento: 25 anos

Número de filhos: 2

Idade dos filhos na época da separação: 16 e 11 anos

Tempo que está separada: 15 anos

Com quem mora: Um filho

M10

Idade: 65 anos

Escolaridade: Ensino médio completo

Duração do casamento: 33 anos

Número de filhos: 3

Idade dos filhos na época da separação: 33, 30 e 29 anos

Tempo que está separada: 13 anos

Com quem mora: Um filho

5.2

Cuidados éticos

Este projeto foi primeiramente encaminhado para a Comissão de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, e, somente após sua aprovação, iniciou-se o trabalho de campo.

Antes das entrevistas, entregamos às mulheres o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual está claro o objetivo da pesquisa e as questões éticas do trabalho, como o anonimato e a possibilidade de se retirar da pesquisa, se achar conveniente.

5.3

Instrumento

Utilizamos entrevistas semiestruturadas (roteiro oculto) como técnica de coleta de dados, ou seja, apesar de já existirem tópicos estruturados *a priori*, a ordem deles foi determinada pelo fluxo da conversa. Escolhemos realizar entrevistas como instrumento, pois elas permitiriam que o sujeito discorresse livremente sobre o tema proposto, criando assim um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Além disso, o entrevistador teria a liberdade para dirigir, no momento que achasse oportuno, a discussão para o assunto que interessasse, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficassem claras.

É importante pontuar que foram entrevistadas mulheres que não tinham conosco um envolvimento pessoal, o que facilitaria ter - no procedimento - uma maior isenção entre entrevistador e entrevistado. Porém, mesmo sem um conhecimento prévio, uma interação harmônica entre os dois favorecera respostas espontâneas e a discussão de assuntos mais complexos e delicados. Como desvantagem da entrevista semiestruturada, podemos citar uma possível desconfiança em relação ao anonimato do entrevistado e, em função disto, uma possível retenção de informações importantes - embora a maioria das mulheres tenha contribuído com um extenso detalhamento do assunto em questão.

As entrevistas foram agendadas com antecedência e realizadas em um local escolhido pela própria entrevistada a fim de deixá-la bem à vontade e familiarizada com o ambiente. A única exigência era que não tivesse muito barulho, o que poderia prejudicar a fluência da entrevista ou até mesmo dificultar a transcrição e posterior interpretação. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para efeito de análise, preservando-se da forma mais fiel possível o que fora dito.

Durante as entrevistas utilizamos um roteiro composto de itens a serem abordados, mas não nos prendemos a perguntas pré-estabelecidas, o que poderia prejudicar a naturalidade da entrevista. Com o roteiro estruturado em mãos, as entrevistas foram conduzidas de forma flexível, respeitando o fluxo de associações das entrevistadas, mas ficando atentos para não deixar de sondar nenhum item. Além de um importante fio condutor da entrevista, o roteiro foi também extremamente útil para a análise comparativa entre as falas das entrevistadas servindo, então, como um “solo” comum entre elas.

Todas as participantes discursaram sobre os temas que considerávamos mais relevantes para nossa investigação, tais como: expectativas e avaliação sobre o casamento; as motivações para o divórcio; a separação na meia-idade; desafios enfrentados com a separação; alternativas para o enfrentamento das dificuldades; vida profissional (antes e depois da separação); atitude ao redor sobre a separação (filhos, familiares e amigos); vida afetiva e sexual atual; avaliação do momento presente e perspectivas para o futuro.

É conveniente citar que, depois de a entrevistada ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), ela preenchia também uma ficha

bibliográfica (Anexo II) com dados sócio-demográficos como idade, escolaridade, profissão, idade dos filhos entre outros. Esta ficha possibilitou uma visão geral de algumas características da população estudada; entretanto, mantivemos em sigilo algumas informações, como a profissão da participante antes e depois da separação, com o intuito de garantir seu anonimato.

5.4

Análise dos dados

Como vimos anteriormente, a avaliação do material obtido foi realizada através da metodologia de Análise de Conteúdo, como proposto por Bardin (2009), enfatizando os aspectos qualitativos.

Primeiramente todas as entrevistas foram transcritas, de forma integral e detalhada, procurando-se preservar ao máximo o que e como fora dito. De posse desse material, iniciamos a análise dos dados dividindo-a em duas etapas: inter-sujeitos, na qual se busca identificar as respostas predominantes apresentadas pelo grupo de entrevistadas; e a intra-sujeitos, em que cada entrevista é analisada individualmente. Nessa segunda fase, buscamos possíveis contradições e inconsistências no discurso de cada participante. Depois de encontradas, examinamos se era algo particular da entrevistada ou se aquilo também podia ser observado no depoimento das demais. Voltávamos, assim, a uma comparação inter-sujeitos e, só a partir do movimento repetitivo das duas etapas, foi possível definir as categorias que melhor representariam os resultados obtidos.

Dividimos o roteiro em eixos temáticos; assim, dentro de cada tema, surgiram categorias. Estas emergiram também a partir das entrevistas realizadas e não da construção prévia a fim de que as falas dos sujeitos pudessem ser encaixadas.